

ZERO

Revista



INTELIGENTE É O NOVO SEXY

Você tem em mãos o resultado dos trabalhos dos alunos da disciplina Redação V. Produzida no segundo semestre de 2011 sob orientação do professor Mauro César Silveira, a **ZERO Revista** é um encarte do jornal-laboratório ZERO.

Deste lado, você confere a **ZERO Revista** moderna. Na capa, Lara Croft deixa as armas de lado para ler a revista, afinal, *smart is the new sexy*. Trabalhamos para que os textos, as ilustrações e cada detalhe do projeto gráfico contribuísse para dar um ar de modernidade à publicação. E Tomb Raider não é o único game a marcar presença; os Angry Birds surgem para tornar ainda mais atual as referências à tecnologia, portabilidade, jogos, e tantos outros aspectos que marcam a geração atual.

Como principal característica da disciplina tivemos a liberdade criativa, que é refletida na **ZERO Revista** e torna-se um de seus diferenciais. Pudemos expor opiniões e refletir sobre o que quisemos. Tratamos dos novos “amores”, relembramos personagens de HQs, lamentamos as condições do tráfego - e do motorista - contemporâneo, investigamos os assombros do estudante de jornalismo, rimos das situações cotidianas que enfrentamos e conhecemos todas as facetas do pôquer.

A **ZERO Revista** tem a nossa cara, nosso estilo. Mas, da equipe que a produziu, fica a torcida - e a certeza - para que ela agrade cada um dos leitores.

ZERO

Revista

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo

ZERO Revista

Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC

Produzida na disciplina Redação V

Ano I - Nº 2 - Abril de 2012

REDAÇÃO Arianna Fonseca, Giovanni Bello, José Fontenele, Mariane Ventura, Rafaella Coury, Tulio Kruse **EDIÇÃO** Ana Carolina Pací, Lucas Pasqual, Marina Empinotti, Rodrigo Chagas **DIAGRAMAÇÃO** Amanda Melo, Rafaella Coury **REVISÃO** Lucas Pasqual, Rafaella Coury **ARTE** Arianna Fonseca, Fernando Goyret, Leonardo Lima, Lucas Anghinoni, Marcelo Yuri, Maria Luisa Fernandes, Nathan Schafer, Vinicius Domingues **ORIENTAÇÃO** Professor Mauro César Silveira **IMPRESSÃO** Azul Editora e Indústria Gráfica Ltda **CIRCULAÇÃO** Nacional **TIRAGEM** 5.000 exemplares **CAPA** Bruno Nucci, graduando em Cinema pela UFSC. **Portfólio:** brooparker.deviantart.com

sumário

3 Pobres amores contemporâneos
Tulio Kruse

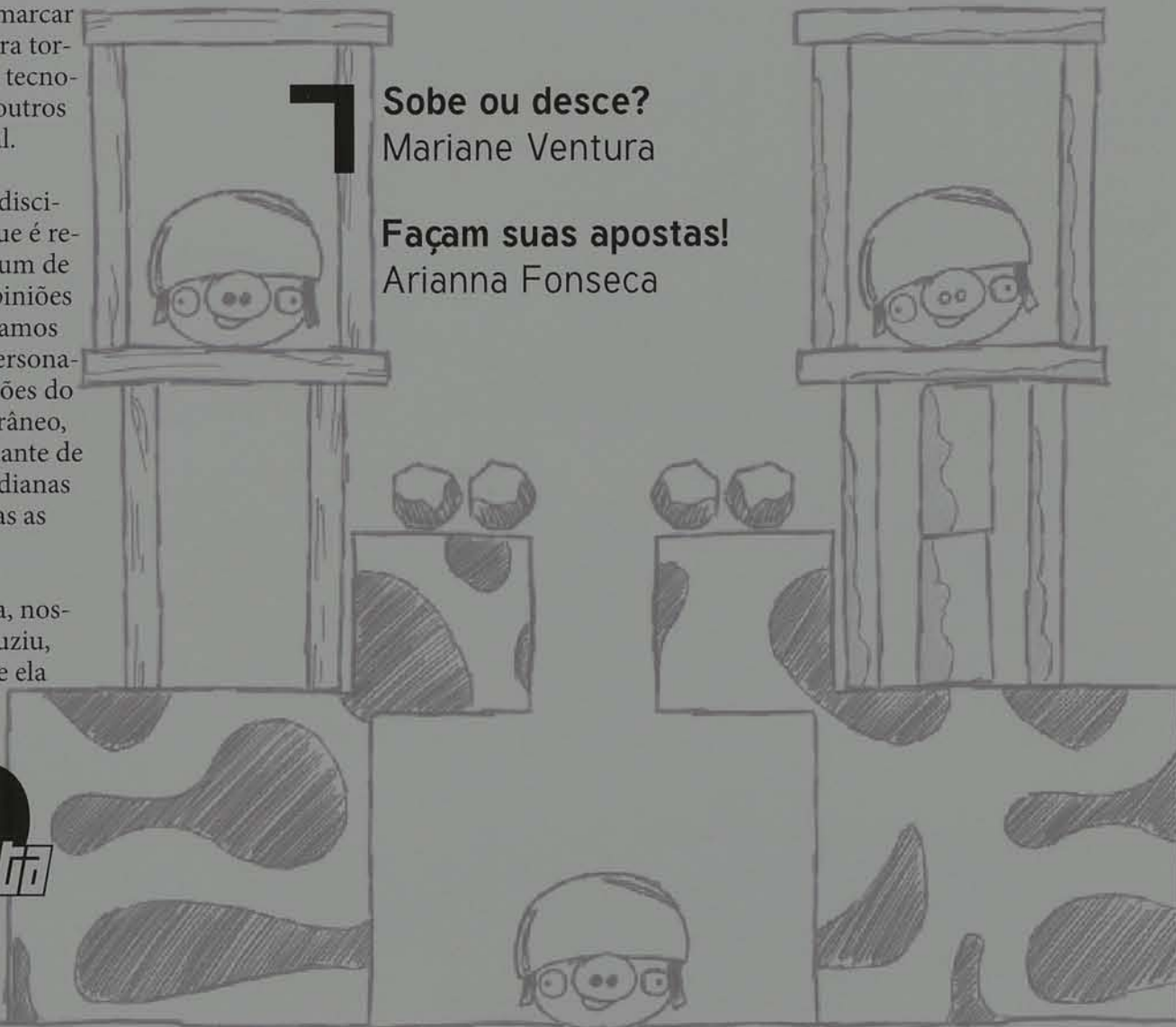
4 Vendetta vive
Rafaella Coury

5 Cada macaco no seu carro
Giovanni Bello

6 Jornalistas incompreendidos
José Fontenele

7 Sobe ou desce?
Mariane Ventura

Façam suas apostas!
Arianna Fonseca



Pobres amores contemporâneos

por Tulio Kruse

Um embate entre valores. De um lado, aqueles que nos são passados gerações a fio, pregando estabilidade e segurança no casamento ou coisa que o valha. Do outro, valores que vêm se desenvolvendo desde a década de 1960 e ganham novas significações agora. Frutos de uma maravilhosa época de contestação, estão baseados na liberdade e independência sexual e no conhecer através da experimentação.

Viver de acordo com uma dessas ideologias morais é alternativa coerente e válida nos dias de hoje. Ainda existe lugar neste mundo complexo para que se constitua um relacionamento estável em moldes tradicionais. Da mesma forma, também é possível que alguém viva trocando constantemente de parceiros, buscando experiências cada vez mais emocionantes e desafiadoras. Em algum nível, ambas possibilidades serão aceitas socialmente, embora possam existir segmentos que rejeitem tanto uma quanto outra. Temos um problema, entretanto, a partir do momento em que toda uma geração é influenciada igualmente pelas duas ideologias e empaca no impasse entre essas perspectivas.

Mais de quatro décadas após as conquistas da revolução sexual, parece-me que a liberdade que alcançamos tem nos levado a andar em círculos, a estabelecer relações vazias. Hoje vivemos incongruências imensuráveis em nossas relações afetivas, as duradouras e as instantâneas. Isso por querermos, ao mesmo tempo, experiências que não coexistem.

Como parte da população mundial que tem menos de 30 anos, e conversando também com representantes do mesmo grupo, posso dizer que a busca pela realização amorosa, com direito a um par eterno e perfeito, não foi completamente abandonada. Os jovens continuam confiando neste sonho. Ao mesmo tempo, há uma ansiedade latente por experiência – não apenas sexual, mas no sentido mais amplo possível – que encontra poucos limites. Mais do que querer conhecer a fundo todas as companhias com quem seria possível ser “feliz”, há quem aproveite para tentar garantir que nenhuma das chances se perca. E assim perde-se a profundidade e o valor.

Tais conflitos foram tema de Zygmunt Bauman ao lavar *Amor Líquido*, livro em que analisa as relações humanas na era pós-moderna. E fica claro que é inevitável que nossas relações sejam determinadas pelas condições em que vivemos. Segundo o autor, passamos a organizar nossa socialização em forma de “rede”, na qual os contatos podem ser remanejados, escondidos ou excluídos com facilidade e sem grandes ressentimentos. Uma forma fácil para tocar a vida com menos estresse. No entanto, assim desaprendemos a criar relacionamentos duradouros.

De acordo com Bauman, pode não ter sido a intenção, mas inconscientemente passamos a priorizar relações superficiais. Trocar o duradouro pelo descartável pode ser simples e até parecer mais seguro, afinal espera-se sofrer menos ao cortar os laços com quem não se tem tanta intimidade. Mas retira-se do nosso convívio “aquilo que faz a coisa funcionar”, que é o próprio vínculo entre as pessoas. Cria-se uma contradição extremamente angustiante, pois alimentamos o desejo de estreitar os laços, ansiosos por relações completas, porém simultaneamente os mantemos frouxos, leves e fáceis de desatar. Como é que alguém vai nos completar assim?

Resultado dessa contradição talvez seja aquelas tantas pessoas que ainda rendem-se ao tão desgastado ideal do matrimônio, juram uma relação exclusiva a outro ser humano, mas mesmo assim voltam a agir como se fossem solteiros ao se deparar com uma situação minimamente tentadora à carne. São homens e mulheres que procuram amor eterno, e é provável que acreditem piamente nele – afinal, por qual outra razão iriam

se casar? –, mas não conseguem abandonar a prática das relações efêmeras. Prática que, na verdade, é limitadora.

A justificativa de que é preciso conhecer todos os lados da vida, todas as alternativas antes de se fazer uma escolha, encontra pouca correspondência na vida real. É impossível conhecer todas as opções verdadeiras ou cada um dos possíveis candidatos a passar uma vida inteira com outro alguém, se é esse o caso. Os que obedecem a esta lógica perdem oportunidades de saber muito mais sobre a condição humana a cada vez que se entregam a relações rasas. Suas atitudes não condizem com qualquer um dos seus valores, pois não se pratica busca alguma por estabilidade emocional nem se adquire vivência relevante. Não se sabe nada sobre o outro ao término de um beijo na balada. Um possível amor verdadeiro não se torna conhecido.

Dessa forma, as pessoas perdem talvez a chance de experimentar um notório sentimento “completamente indispensável ao funcionamento da sociedade humana e uma fonte da mais completa satisfação conhecida dos seres humanos”, como classifica Robert Brown na obra *Analisando o Amor*.

O que poucos levam em consideração é que o amor contempla igualmente a possibilidade de um relacionamento estável e as tão cobiçadas experiências marcantes, enriquecedoras. E sequer é preciso usar a palavra amor para designar uma interação que renda frutos mais relevantes que algumas horas de prazer. Simplesmente começar a demonstrar mais interesse na personalidade e no caráter do que no desempenho físico da pessoa é o início do caminho de um relacionamento cujo resultado é incerto, e de um aprendizado garantido também.

Não se trata, portanto, de uma escolha entre um estilo de vida recatado ou desregrado, sequer um dualismo entre formas de amor distintas. A reflexão que está disposta aqui é sobre a maneira como são conduzidas tantas relações passageiras – e por vezes propositalmente insignificantes – e se elas trazem de fato satisfação real, relevante.

Será que a liberdade pensada décadas atrás por movimentos sociais, responsáveis por nossa condição atual, não ia um tanto além do envolvimento meramente físico entre desconhecidos? Mesmo se admitirmos o envolvimento físico, sexual, como uma condição humana necessária, responder ao instinto sem refletir sobre as próprias atitudes não parecia ser o objetivo. Aumentar a superficialidade dos relacionamentos, menos ainda. Pois afinal de contas, mesmo em se tratando de amor, o que nós queremos é ser escravos das nossas necessidades ou produtos do nosso próprio pensamento?



Vinicius Domingues



Marcelo Yuri

Vendetta vive

por Rafaella Coury

Ele está morto. O paciente que um dia ocupou a cela cinco do campo de concentração em Larkhill e passou por meses de tratamentos médicos levou quatro tiros no peito e sangrou até a morte. O vingador que criou o caos e anarquia na Inglaterra dos últimos anos do século XX não vai mais, pessoalmente, espalhar seus ideais pelas ruas de Londres. Mas sua máscara, que ostenta o sorriso do soldado inglês Guy Fawkes, continuará sorrindo indefinidamente.

O motivo pelo qual ele foi levado ao campo de concentração - ou campo de reabilitação, de acordo com seus criadores - é desconhecido. Se era negro ou homossexual, se era comunista, se transgrediu a ordem, não se sabe. Ele fez parte do grupo de dezenas de pacientes que, em 1993, passaram fome, tiveram desintéria e foram utilizados

como cobaias, recebendo uma mistura de extratos das glândulas hipófise e pineal, chamada Composto 5, que geralmente causava deformações genéticas e os levava à morte. Um mês após o início do tratamento, restaram apenas cinco pacientes, que ficavam em salas individuais organizadas de acordo com a

destruiu o campo e libertou o único paciente que ainda estava vivo. O ocupante da sala V usou solvente, amônia e outras substâncias para criar gás mostarda e napalm, explodindo sua sala e colocando fogo em Larkhill, libertando-se.

O tratamento, os remédios, o tempo passado no isolamento e o incêndio fortaleceram seu corpo, mas o destruíram, fizeram com que o homem que existia morresse; ele deixou de ser apenas um ser humano fraco e passou a ter um propósito maior. O homem morreu e restou um corpo levando uma ideia. Uma ideia que seria propagada, que seria transmitida, que faria a diferença e mudaria a situação vigente.

Assim surgiu Codinome V, que decidiu vingar os pacientes do campo de concentração e os problemas pelos quais a população de Londres passava como consequência de ser submissa a um governo autoritário e fascista. Durante os cinco anos que se seguiram, todos os envolvidos em Larkhill foram mortos por V, concluindo parte de seu plano. Além disso, ele queria mostrar ao povo inglês que tudo de ruim pelo que ela passava era culpa dela mesma. Ao escolher governantes deploráveis, os cidadãos deixaram que estes tomassem as decisões em seus lugares e ninguém fez nada para impedir ou mudar isso. Para V, o povo não deve ser submisso, nem se conformar, e deve batalhar pelos seus direitos, pela sua vida. Ele defendia um estado no qual os governantes escutariam seu povo, se preocupariam com ele, não apenas com seus próprios interesses, e, acima de tudo, temerariam o poder dele. O povo deveria ser seu próprio governante; as pessoas deveriam governar a si mesmas, suas vidas, terras e amores.

Mas V não era apenas essa ideia. Dentro dele ainda havia a capacidade de amar e de ter sentimentos como raiva, piedade, maldade, e a vontade de transmitir seus ideais para aqueles que considerava merecedores disto, como Evey. Depois do tempo no campo de concentração, a única pessoa que um dia significou algo para ele foi a garota Evey Hammond, que conheceu salvando-a das mãos de representantes do governo que pretendiam matá-la. V decidiu que ele não a salvaria apenas de morrer nas mãos do governo, mas que a ensinaria a não ter medo, e a valorizar a coisa mais importante que o ser humano sempre poderá preservar: sua integridade.

V significou muito para ela: ele era o pai que ela perdeu na infância, era o amante, era o mentor que a ensinava a ser mais forte e a lutar pelos seus interesses, era a segurança no meio daquela civilização perdida. Enquanto viveu com ele, Evey aprendeu a amá-lo, a respeitá-lo, a entendê-lo. Seu jeito irônico e poético de falar a irritava; sua mania de usar versos e citações famosas em suas respostas, nunca sendo claro, sendo sempre um mistério, a deixava brava, com raiva. Mas um dia ela entendeu que ele não dizia tudo, nem explicava bem o que queria fazer, porque esperava que ela entendesse sozinha, que ela aprendesse sozinha. Ele nunca poderia ensinar tudo a ela. Evey deveria descobrir conforme as coisas fossem acontecendo, conforme ela passasse por momentos difíceis e aprendesse com eles.

Ele era contraditório. Podia ter momentos românticos, mas também era capaz de matar impiedosamente. Mostrou à Evey a face que se ocultava atrás da máscara, sem jamais revelar seu rosto, e fez com que ela levasse a ideia adiante. V ousou fazer: mostrou ao povo de Londres que a anarquia pode ser o caminho, que dos destroços vem vida nova, uma esperança renascida, que as pessoas podiam lutar pela sua liberdade. Ele teve sua *vendetta*; não vingou o tempo em Larkhill e o autoritarismo de seu governo apenas na carne, matando seus representantes, como também esquartejou suas ideologias. Tirou o poder de um governo fascista e fez com que o povo voltasse a ser responsável por sua própria vida. V provou não ser apenas um homem, provou ser uma ideia. Uma ideia que, por mais que seu corpo tenha levado tiros e morrido, continua viva, assim como o sorriso na máscara de Guy Fawkes.

Texto baseado no personagem da graphic novel *V de Vingança* (1982-83), de Alan Moore



Maria Luisa Fernandes

numeração romana.

O paciente que ocupava a sala V (cinco), não demonstrou nenhuma anomalia celular causada pelo composto, mas uma espécie de surto psicótico. No fim de 1993, sete meses depois do início do tratamento, um incêndio criminoso

Cada macaco no seu carro

por Giovanni Bello

Na selva moderna dos homens não se admite lobos uivando para a lua nem leões vociferando pela própria majestade. Árvores, muito menos. Terra, pedras... nada disso. Os homens e mulheres, da classe média baixa à granfinagem alta, mais do que nunca brigam por um espaço na pista da esquerda ou pela vaga no estacionamento do shopping, em uma corrida sem pódio, troféu ou banhos de champanhe. Pois é, amigo, as pessoas desaprenderam a correr e a caçar. Hoje compram congelados no supermercado ou almoçam no restaurante da esquina, e ainda pretendem fazê-lo de carro e mais rápido do que os outros. A terra é de asfalto e correr... só se for sobre quatro rodas. A selva virou "trânsito" e todo mundo engordou, não são seus olhos.

Cada um em seu possante de motor um ponto zero, com direito a ar-condicionado, direção hidráulica e vidros elétricos, brigando para escapar da sinaleira desregulada ou do ônibus que ameaça parar no próximo ponto. As maiores batalhas se desenrolam no dia a dia das ruas das cidades, em que máquinas de ponta lançadas no mês passado disputam com carangas dos anos 1980 a uma velocidade que nunca ultrapassa os 60 quilômetros por hora.

Veja, o que importa aqui não é o instrumento de caça e, sim, o caçador. O fator humano é o diferencial, e só estando presente na guerra é possível perceber as nuances de cada participante. O perfil do guerreiro moderno mostra-se nos detalhes simples da vida motorizada. A marcha arranhando, o carro morrendo, uma seta para o lado errado. Os tipos são muitos, quase todos conflitantes.

Um caso usual é o do apressadinho inseguro. Ele quer, mas não consegue ter a coragem de enfiar o carro no vácuo da pista ao lado. As opções são variadas: ou ele dá seta para entrar e nunca entra, ou pressiona o carro da frente, mesmo que o fluxo seja mais lento que as pessoas que caminham na calçada. O importante é você saber que esse cara não vai se animar a mudar de pista e, ainda, vai te estressar muito com a possibilidade de dar um beijinho no seu para-choque traseiro a qualquer momento.

Outro tipo apressado é o motorista profissional. Mal-humorado desde cedo, com a barba por fazer, este pobre homem não queria estar dirigindo o ônibus ou o caminhão que tem sob controle. Ele já sabe o que vem pela frente até o fim do dia (ou até o fim de seus dias), então pretende chegar em casa um pouquinho mais cedo. Ele tem pressa. Ele tem um bichão grande que anda rápido. Simplesmente saia da frente. Ele está estressado e, ao contrário do que você

pensa, essa velocidade não representa uma tendência suicida. Correr é só um jeito de acabar o expediente, no sentido não suicida da coisa.

Para combatê-los existem os que não têm pressa, que, como dizem, estão "a passeio na vida". Não há idade para praticar este *lifestyle* diferenciado, que se destaca na pele de dois personagens bastante distintos. O mais usual é o velhinho. Mais pra lá do que pra cá, ele se pergunta: "pra quê? Não tenho pressa de morrer." É um estado de plenitude. Quarenta por hora e uma música antiga tocando, no talo, porque lembrar é viver e ele esqueceu o aparelhinho de ouvido em casa. A segunda encarnação do tipo passeador são os fortões tatuados que dirigem carros pretos mais caros que a própria casa. A aparelhagem de som tem o poder de ultrapassar qualquer nível aceitável de decibéis, e eles o fazem com uma frequência admirável - e com a desvantagem de não possuírem um aparelhinho de ouvido para esquecer em casa. Além disso, claro, estão "a passeio na vida". Ou melhor, desfilando nela, com um carro que, acreditam, tem o poder de atrair mulheres.

Uma variação dos fortões tatuados que andam devagar é a dos fortões tatuados que andam rápido. Seu carro não precisa ser novo nem inteiro, só precisa fazer barulho. Adolescentes com nada na cabeça também andam rápido, com a diferença de que o carro não é deles, mas dos pais. Para ambos vale tudo, desde que cheguem onde pretendem do jeito mais zigzagueante possível, costurando o trânsito de velhinhos passeadores, apressadinhos inseguros e gente barbeira.

Barbeiros... tipos únicos estes. Ou têm grana ou carinha de coitados - e, por incrível que pareça, isso tem tudo a ver com a sua habilidade ao volante: passaram no teste por caridade ou por desvio moral-financeiro do aplicador da prova. Conheço casos, mas prefiro não divulgar nomes - prezo pelas minhas amizades - e, afinal, a vida não é feita só de carros... Embora só com eles a gente chegue até a vida.

Sim, só de carro. Já experimentou ir à praia de ônibus? Ao motel de táxi? Ao supermercado a pé? Pois é. Lazer, prazer e comida. A conclusão é imoral, mesquinha, ambientalmente incorreta e capitalista: o melhor da vida é alcançado com asfalto, engarrafamentos e gasolina.

Se a solução fosse mesmo a bicicleta, a gente ia ouvir: "Olha, a minha tem que ter motor, cinco lugares, ar-condicionado, vidro elétrico e direção hidráulica. Se tiver quatro rodas então...". É, amigo, a selva virou "trânsito" e todo mundo engordou, não são seus olhos.



Fernando Goyret

Jornalistas incompreendidos

por José Fontenele

O aluno de jornalismo é uma ovelha. O caprino citado é o animal mais inseguro que existe - da mesma forma, o futuro profissional de jornalismo é o mais instável entre os universitários. Se o homem é o lobo do homem, se o jornalista é o lobo da sociedade, se o lobo é o lobo da ovelha, qual é o lobo do aluno? O lobo do aluno são quatro, na verdade: o desafio de escrever, a competitividade da profissão, a necessidade de bênção dos mais velhos e a obrigação de acompanhar o mundo das notícias e das inovações.

Começemos pelo princípio. Desde que o jornalismo é jornalismo ele quer ser o mais abrangente possível. Para isso se vale de uma linguagem acessível para atingir todos os públicos, sem distinção léxica ou vocabular. E, desde que nós entramos na universidade, a característica de escrever bem é constantemente martelada pelos professores, e constantemente perseguida pelos alunos. A questão, entretanto, é tão subjetiva quanto paradoxal: o que é escrever bem? Dirão os professores que escrever sem adjetivos, com precisão vocabular, e sem clichês já pode ser considerado uma boa escrita. O que temos que entender é que há pessoas que leem e pessoas que não leem. O vocabulário que o aluno utiliza pode parecer "normal" para ele e muito sofisticado para outros. "Como não entende 'progenitora'? Até minha mãe sabe o que isso significa". Normal.

A competitividade da profissão é outro grande fator de insegurança. A falta de diploma para regulamentar o Jornalismo é, obviamente, uma característica que cria mais disputa, pois se aceita qualquer um que queira escrever como jornalista: blogueiros, twiteiros, *alguma coisa*eiros, todo mundo, e web. Competir com tanta gente gera tanta insegurança que o aluno passa a duvidar da própria utilidade do diploma, e da universidade. Óbvio. E onde esses futuros jornalistas se formam? Eu nem quero imaginar.

Outro fator está ligado ao narcisismo próprio dos humanos. Os jornalistas, como qualquer pessoa, gostam de ser elogiados pelos pares, principalmente pelos mais velhos, pois é um sinal de que conseguiu adquirir as tradições do legado profissional. O problema é: você já viu um jornalista elogiar o outro? Por isso é que os alunos fazem perguntas de "sala de aula" em congressos com personalidades famosas. Ele procura ratificar o que foi aprendido, tranquilizando-se para seguir adiante quando a página estiver em branco.

O último ponto é um dos piores: acompanhar o mar de notícias e de inovações pelo mundo. Pensando empiricamente, só há dois critérios para ser jornalista - escrever bem e ser muito bem informado. Jornalistas experientes, quando perguntados sobre como ficam informados, respondem que ouvem duas rádios de notícias e veem cinco noticiários por dia (alguns deixam a TV ligada 24h), assinam quatro jornais de circulação nacional, e umas três ou quatro revistas, e ainda tem a internet. Para o aluno, isso é um leviatã de brutalidade. O típico aluno de jornalismo, devido à jovialização da profissão, procura mais entretenimento do que notícias, mais jornais pela web do que impressos. Adicione isso ao fato de só às vezes o aluno acompanhar o que é relevante para ele. O profissional de jornalismo aprendeu que deve ler de futebol à moda, passando por política, economia, notícias internacionais, científicas, enfim, tudo que o ser humano pode produzir de informação, mas o aluno ainda não percebeu isso.

O aluno é obrigado, pelas entrelinhas da profissão, a acompanhar todas as notícias

possíveis; entretanto, se acomoda com o que é mais fácil para ele. Logo depois ele vai apurar uma matéria e não sabe fazer perguntas sobre aquilo, fica refém da fonte, não sabe contextualizar - a menos que o Google esteja aberto ao lado, o que prejudica a apuração, e conseqüentemente o texto. Nesse caso, a insegurança surge quando o aluno fica com medo do leviatã de informações, preocupa-se demais (ou não), e no final o texto fica ruim.

Observados todos esses pontos, temos que entender que a insegurança é um fator psicológico que influencia no resultado final do seu texto, e jornalista com texto ruim não sobrevive na profissão. O que dificulta o aprendizado do aluno é a dificuldade perene em sublimar a sua condição de aprendiz, abstrair as dificuldades próprias, e fazer o mais difícil: tomar a atitude de mudar. Atitude, esse é o problema do aluno. Ou ele não tem (por problema psicológico), ou ele é alienado (pelo mundo), ou ele tem o ego inflado (também pelo mundo), ou está na profissão errada. Não diga que eu não avisei.



Lucas Anghinoni

Sobe ou desce?

por Mariane Ventura

Nunca entrou num elevador e fez um comentário sobre o clima? Então não sabe o que é falta de assunto.

Algumas situações causam certo silêncio desconfortante, e uma delas é entrar no elevador com pessoas que você nem faz ideia de quem sejam. Tudo bem que compartilhar um cubículo de 1,5m² não é nenhum desafio pra ninguém. É até fácil. Basta entrar, cumprimentar os demais e pronto. Só uma regrinha de etiqueta básica. Mas quando estamos no 12º andar, apenas um bom dia parece não ser o suficiente para aqueles minutos de descida em conjunto. E eis que surge ele, o pai dos clichês quebra-gelo:

- Que tempo doido, hein!

- Pois é. Acho que vai chover...

...

- E de manhã, estava tão quente!

- É mesmo...

PLIM

A situação é um pouco melhor quando existe um ascensorista. Além de pilotar a máquina, o encarregado que exerce a função também serve como um mediador dos diálogos monofrásicos.

- Bom dia.

- Bom dia. O terceiro, por favor.

- Bom dia.

- Bom dia. É no quarto andar que fica o consultório da dra. Carine?

- Sim, senhora.

- Obrigada.

PLIM

PLIM

PLIM

Tudo parece mais rápido com um ascensorista. Já morei em apartamento, sem elevador, mas dos condomínios residenciais que conheço, nunca visitei um em que existisse ascensorista. Imagino que seja um pouco mais chato pegar carona com um vizinho com quem você discutiu semana passada por causa do volume de som, ou mora no apê ao lado e você nunca viu, ou até aquele que você ouviu aos berros com a esposa entre xingamentos e barulho de coisas quebrando. No dia seguinte, quão constrangedor não seria ver o Luiz entrando no elevador com vários hematomas e dizendo:

- Essas escadas do condomínio estão horríveis. Caí ontem. Vou reclamar para o síndico!

- Pois é... Estão mesmo, por isso eu pego o elevador.

PLIM

Talvez pensando nisso, os arquitetos começaram a projetar prédios com dois elevadores e alguns com saídas para os dois lados (!). Dessa forma, o elevador que estiver mais próximo ao andar chega primeiro, e a viagem é mais rápida e muitas vezes solitária. Apesar disso, ninguém está livre das súbitas paradas no meio do caminho:

- Sobe?

- Desce.

PLIM

- Desce?

- Desce.

- Tá, calor, hein!

- É... Acho que vai dar trovoada.

PLIM

Creme dental, acetona, papel e olheiras

por Mariane Ventura

Certos cheiros são peculiares de cada lugar. Com a memória olfativa é possível lembrar de um local só pelo cheiro. Cheiro de comida caseira, do perfume de alguém, de roupa limpa e até cheiro de elevador. Sim, cheiro de elevador. Se cada lugar tem um cheiro característico, com o elevador não seria diferente.

O cheiro do elevador é tão peculiar que só em pensar naquela liga de alumínio e ferro é quase possível sentir o gosto das paredes de metal fosco ou do sapólio com aroma de eucalipto, nos casos em que o elevador acabou de ser limpo e parece que você está entrando em um banheiro público. Mas o mais incrível é que cada elevador tem o cheiro do local para onde se vai.

Para o Luiz, que todo mês vai ao consultório da dra. Carine, o ele-

Façam suas apostas!

por Arianna Fonseca

Sexta-feira, seis horas. É primavera, mas o tempo é instável lá fora. Para todos os lados que olho do luxuoso hall do hotel, vejo pessoas encapuzadas e usando óculos escuros, como quem quer se esconder de alguém ou de alguma coisa. O ambiente é amigável e pacífico, mas para mim tudo soa muito estranho.

Há homens engravatados, mulheres, idosos, moleques usando boné e até mesmo celebridades. E todos eles conversam entre si como quem se conhece há muito tempo. Quando me aproximo, constato que o assunto e o foco principal são sempre os mesmos em todos os grupos: pôquer.

É o primeiro dia de um torneio do jogo que muitos criminalizam e veem com preconceito. Mas outros tantos são apaixonados e se dedicam diariamente fazendo do "esporte" pôquer, assim como eles dizem, um estilo de vida e meio de sustento. Sinto no ar um clima de euforia e ansiedade. Logo as portas do grande salão se abrem e o ambiente até então familiar dá lugar à tensão e a olhares desconfiados.

Em menos de um minuto, noto que, de forma organizada, muitos já se encaminharam ao salão principal, onde acontecerá o torneio. As cadeiras vão sendo ocupadas simultaneamente em posições pré-definidas por sorteio. As pessoas se misturam, os olhares passam a ser investigativos e cada jogador tenta entender a personalidade dos oito que estão ao seu redor na mesa. Não é difícil, nesse momento, "separar os homens dos meninos", já que as mãos trêmulas, os olhos perdidos, a pele úmida e a voz que tenta passar tranquilidade denunciavam aos bons jogadores o estresse de seus adversários, que ainda não têm controle sobre tais sintomas. Esses sinais são cuidadosamente observados e lidos pelos mais experientes no jogo, que, a partir daí, elaboram suas estratégias. O silêncio começa a impregnar o local e as cartas são lançadas à mesa.

No primeiro dia, a cada hora que passa, vejo sendo eliminados um a um jogadores com pouca experiência. E os mais dedicados me impressionam, pois parecem ver as cartas de seus oponentes. Isso me certifica de que não é apenas um jogo de sorte, e sim um jogo de probabilidades e habilidades, que junta matemática, psicologia, leitura corporal e planejamento. Por isso, seria justo o reconhecimento do pôquer como esporte da mente, junto ao xadrez e às damas, bem longe de bingos e roletas.

Esse jogo exige constante avaliação dos adversários e uma concentração eminente porque decisões são tomadas a cada instante. Não basta ganhar, tem que perder pouco e estabilizar as fichas na média dos outros jogadores, para garantir que, além de seus rivais, o torneio não te derrube. Afinal, isso vale dinheiro! Nesse caso, 360 mil reais que serão divididos entre 10% dos melhores jogadores do torneio. Recompensa para quem pagou pouco mais de dois mil reais na inscrição. Interessante? Pois é, estou falando de um jogo que além de poder ser um divertimento em casa com os amigos, valendo dez reais e uma rodada de cerveja e aperitivos, pode proporcionar ao vencedor milhões de dólares e estabilizar sua vida.

É final do primeiro dia do torneio que não se sabe ao certo quando vai terminar. Somente nessa sexta-feira foram sete horas de estresse mental que, agora, soma-se ao esgotamento físico. Mesmo assim, com todos os fatores negativos, percebo que cada rosto exibe uma satisfação pessoal, cada um com seu motivo, mas todos orgulhosos por ter alcançado o próximo dia do torneio. Concluo, então, que pôquer é muito mais que um vício que assusta as famílias e põe uma interrogação na legislação brasileira. É, sim, um estilo de vida saudável que une pessoas de diferentes classes sociais, criando vínculos e grandes amizades por toda a parte.

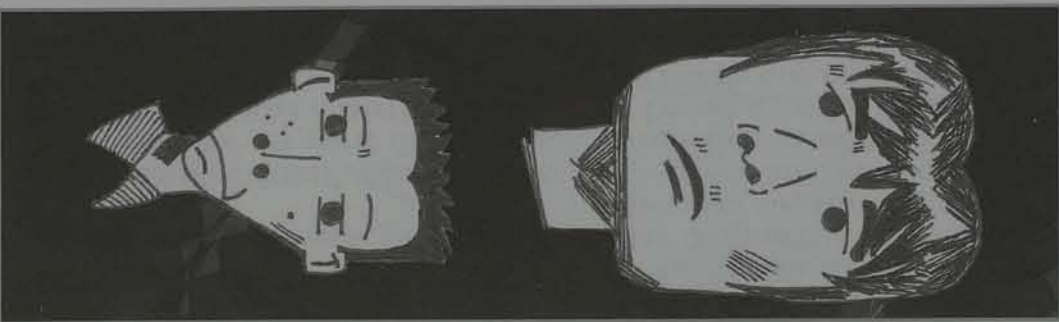
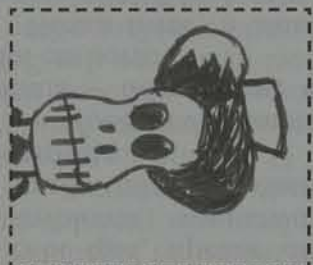
vador tem cheiro de dentista. No mesmo prédio, dividindo o mesmo elevador, ainda encontramos a dona Sílvia da contabilidade, e para ela, elevador tem cheiro de papel. Pilhas de papel. E apenas um andar acima, temos o salão da Helena. Pra quem vai ao 5º andar, o elevador tem cheiro de esmalte, spray de cabelo, secador e acetona.

A função do espelho no elevador também muda. Quem vai ao dentista sempre dá aquele último sorrisinho pra conferir se está tudo certo antes entrar no consultório. Quem volta do salão abre aquele sorrisão tentando seduzir o próprio reflexo com o novo penteado e as unhas coloridas. E quem vai trabalhar... bom, quem vai trabalhar olha para o espelho do elevador como quem diz: "Você de novo? Que olheiras horríveis! Ainda bem que amanhã é sexta..."

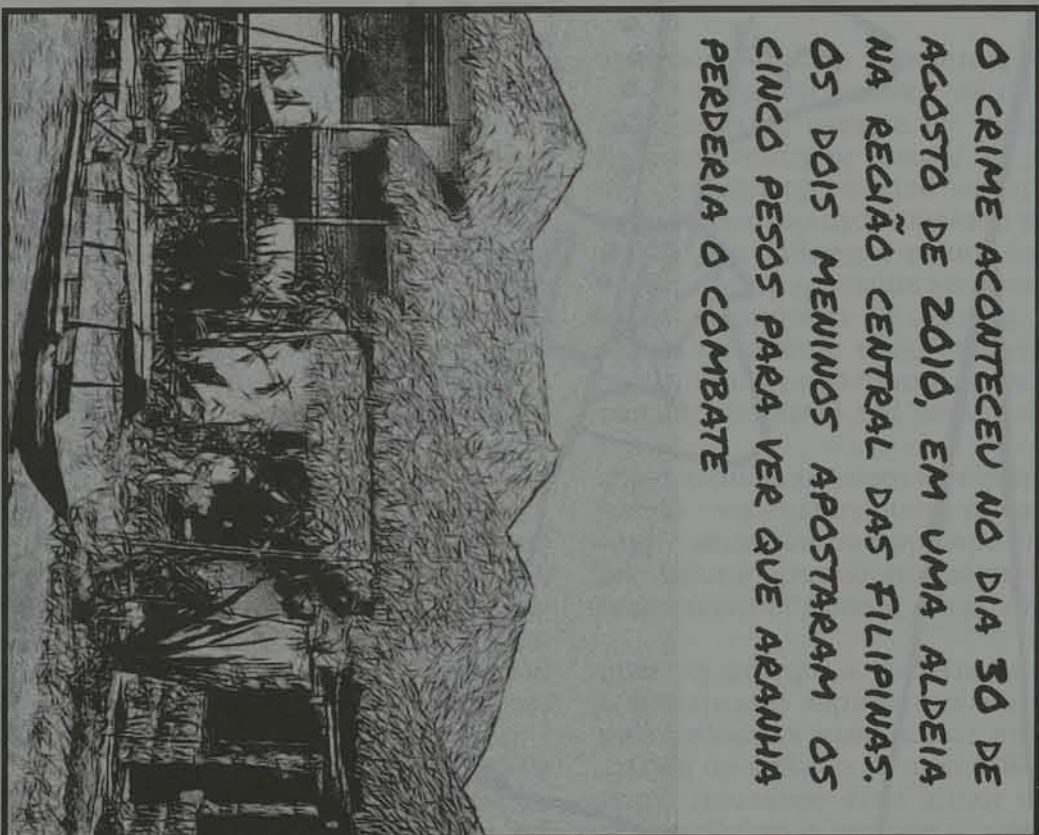


Arianna Fonseca

UM CONTO FILIPINO*



O FILIPINO GARY DOLORES, DE 15 ANOS, MATOU O COLEGA JAY CABANDO, DE 13, COM UM FACÃO, QUANDO ESTE SE RECUSOU A PAGAR OS 5 PÊSOS FILIPINOS (CERCA DE R\$ 0,19) DE UMA APOSTA SOBRE UMA BRIGA DE ARANHAS, INFORMOU O JORNAL "VISAYAN DAILY STAR".



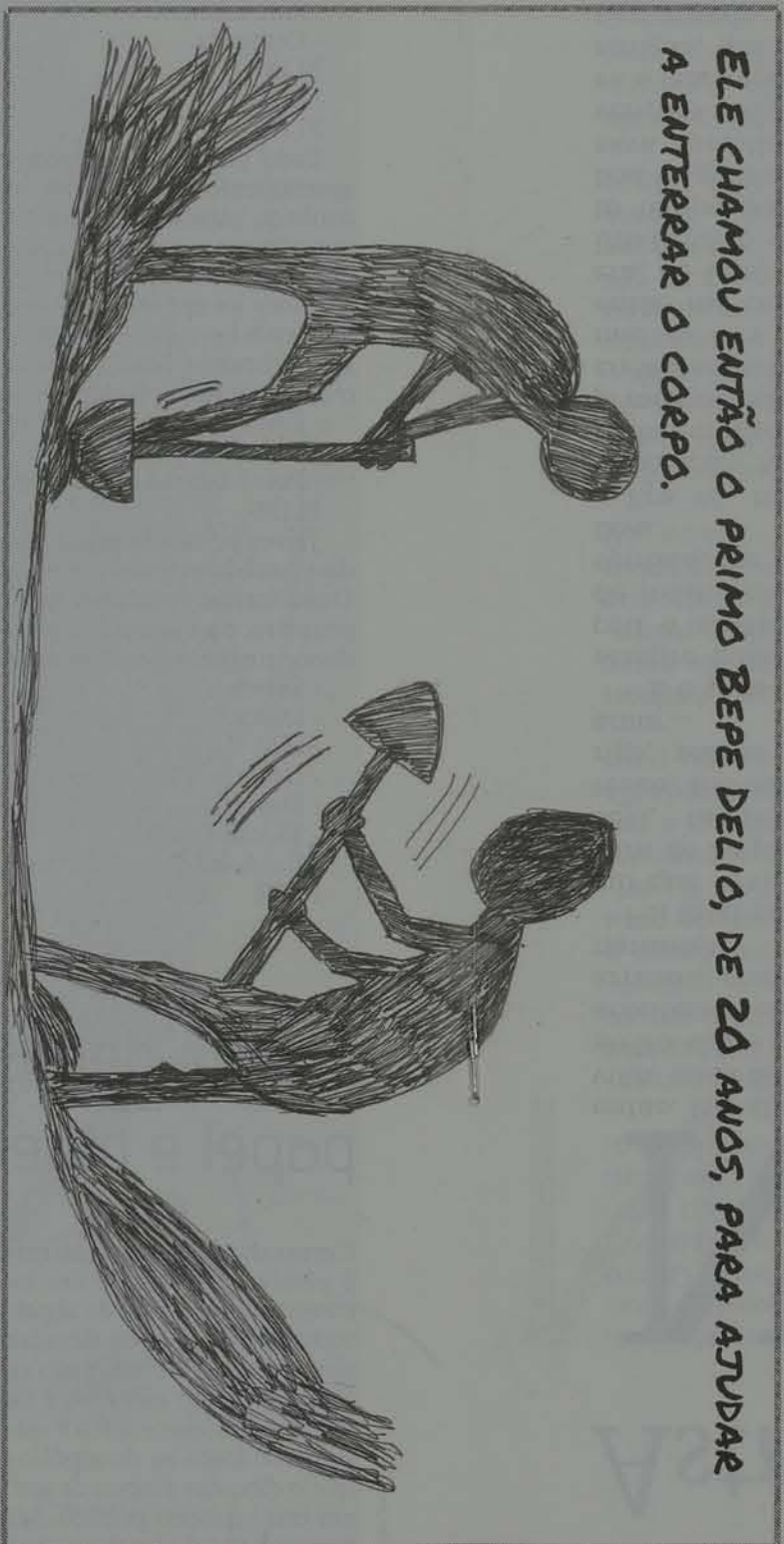
O CRIME ACONTECEU NO DIA 30 DE AGOSTO DE 2010, EM UMA ALDEIA NA REGIÃO CENTRAL DAS FILIPINAS. OS DOIS MENINOS APOSTARAM OS CINCO PÊSOS PARA VER QUE ARANHA PERDERIA O COMBATE



NO FIM DA DISPUTA, CABANDO SE RECUSOU A ADMITIR A DERROTA E PAGAR O PRÊMIO.



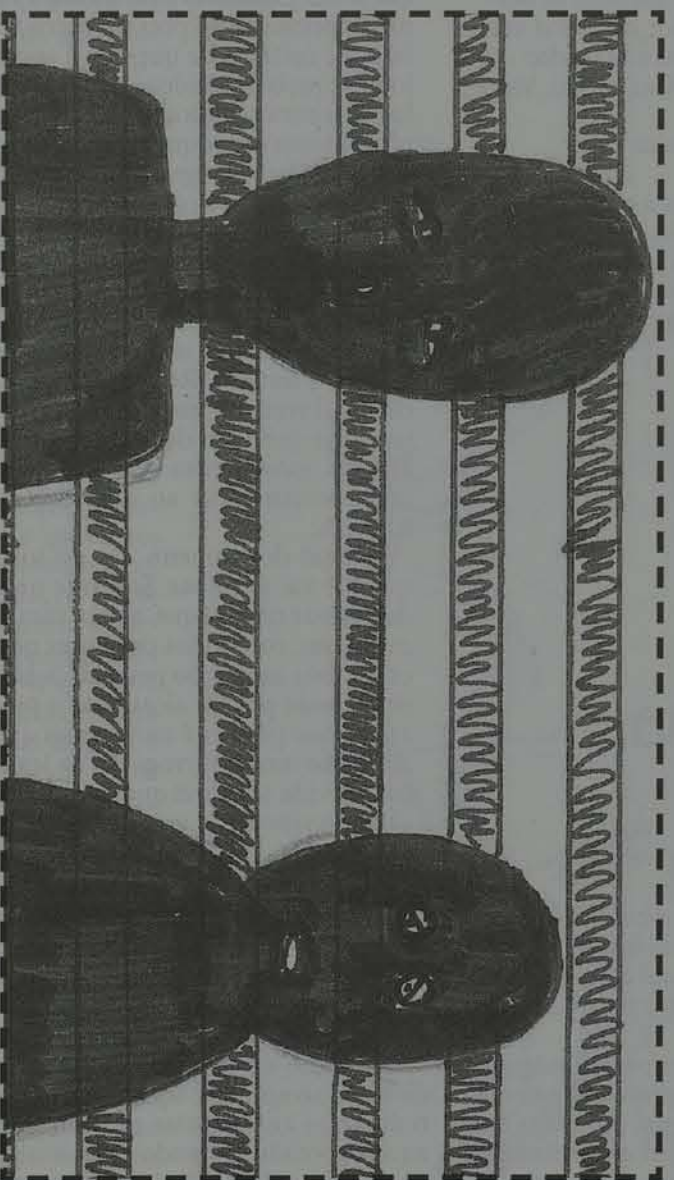
DOLORES FICOU FURIOSO E ATACOU O COLEGA COM UM FACÃO.



ELE CHAMOU ENTÃO O PRIMO BEPE DELIO, DE 20 ANOS, PARA AJUDAR A ENTERRAR O CORPO.

DELIO, CONTUDO, CONTOU O INCIDENTE PARA O PAI DA VÍTIMA, MARTIN CABANDO, 49, QUE PEGOU SEU FACÃO E MATOU DOLORES.

A POLÍCIA PRENDEU CABANDO E DELIO.



* BASEADO NA NOTÍCIA "FILIPINO DE 15 ANOS MATA MENINO DE 13 POR DÍVIDA DE R\$ 0,19", PUBLICADA EM 3 DE SETEMBRO DE 2010, NA EDITORIA MUNDO DA FOLHA ON-LINE.

N

unca acreditei nessa história de atração fatal, era um dos poucos aspectos da astrologia que não me convenia. Sempre achei uma bobagem, até o dia em que vi um ariano pela primeira vez – nos dois sentidos: não o conhecia, assim como nenhum outro ariano até então. Por algum alinhamento estranho dos astros, em vinte anos de vida eu nunca tinha convivido com o primeiro signo do Zodíaco. Quando isso inevitavelmente aconteceu, ele simplesmente arrasou, como é de sua natureza.

Foi fatal mesmo. No instante em que o vi, senti uma mis-

tura de empatia, de-sejo, taquicardia, tesão, frio na barriga, paixão e até amor...

– É o cara que eu sempre quis! – pis-cou o alerta dentro de mim, enquanto contida, me apresentava.

Era só, mais uma, suposição. As expectativas geradas naqueles primeiros segundos de encantamento se confr-

maram nas conversas e então me certifiquei. Ele era, de fato, interessante. Um achado, depois de tanto tempo sozinha – como boa sagitariana, eu precisava questionar as convenções sociais e me negava a fazer como as minhas amigas, que continuavam namorando aquele cara do terceiro. Era bonito, divertido e solteiro. Era O Ariano. Enfim, a minha hora da estrela.

Em um daqueles lapsos de retorno à adolescência – uma espécie de “de repente 13” –, o grupo em que estávamos decide fazer uma roda de verdade ou consequência.

– Você ficaria com alguém da roda? – pergunta o Ariano para mim.

– Sim, com você – respondi, com coragem e bravura à altura do seu regente, Marte.

Foi nesse misto de confissão e provocação que a zica começou.

Eu sempre fui do tipo “mulher difícil”, não para fazer charme ou algo assim, mas por ser parte da natureza de alguém regido por Júpiter. Deixei o mistério de lado porque aquela não era uma constelação qualquer, eu pagaria o preço pelo risco.

Mas o preço foi estratosférico. Eu travei e cada vez que o Ariano se aproximava, uma nuvem de vergonha me envolvia, impedindo qualquer movimento natural. Me

esforcei para relaxar. Mas não deu. Novas zicas, agora de ordem fisiológica – uma TPM à flor da pele e uma crise de refluxo que me tirou três quilos em uma semana, uma provável reação estômaco-emocional à mistura de cachaca mineira, pimenta da Paraíba e charme ariano. Nem as mais potentes energias de Venus poderiam fazer daqueles dias um momento social.

– Você é sempre tão séria? – pergunta o Ariano no meio de uma baladinha pseudocult.

– Eu?!, não sei... eu... bom, acho que eu sou meio tímida... e to um pouco doente... mas depois que conheço a pessoa há um tempo, sou até bem divertida...

Tentava me explicar quando ele começou um discurso sobre autoestima, autovergonha, tudo em um tom muito autoajuda. Percebi que, apesar do ambiente sugestivo, aquilo não era uma cantada.

– Você devia sorrir e mais – aconselhou e foi embora.

Nessa frase, a zica, antes remediável, atingiu proporções solares. “Você deve...” é sempre uma fala mortal para sagitarianos. A sinceridade do Ariano, até então encantadora, atingiu meu calcanhar de Aquiles. Mas eu resisti. Era o senhor da guerra, mas eu não ia me render fácil. Congelei um sorriso, obviamente muito amarelo, na tentativa de demonstrar a felicidade, o otimismo e toda a sorte de sentimentos simpáticos que faziam parte da minha personalidade – meu horóscopo diz que, pelo sol em Sagitário e ascendente em Leão, alegraria

é a melhor palavra para me definir. Tudo aquilo não passava de um julgamento errado e eu ia provar!

Mas espera aí. Provar o que? Que eu era eu mesma? Que era feliz?... Quem precisa fazer isso?! É ahnãl, quem era ele, para me cobrar tudo isso?

– Um ariano, sua boba. E você perdeu... – sussurrou a consciência da minha lua em Libra.

Fechei a cara e assumi a derrota. Eu não era o que ele queria que eu fosse – só ele era tudo que eu queria. Pois é, Ariano, você me arrasou mesmo. Mas, por favor, não vá se sentir culpado. Você não fez nada de errado, eu é que tomei tudo como muito certo. O Zodíaco é zicado demais para nós dois.



Stephanie Pereira

Camisa 10, o ídolo do Avaí

por Ediane Mattos

“Com 14 anos eu nunca tinha jogado em um campo de futebol. Estádio? Só ouvia falar, mas nunca tinha ido a nenhum. Não sonhava em ser jogador profissional, como afirmam hoje em dia esses garotos de cinco anos”

A declaração de Adilson Heleno pode até fazer alguém pensar “esse é dos que têm sorte” - o que não é mentira, mas ele soube aproveitar as oportunidades. A postura do homem dentro de quadra, gritando como um general com meninos que jogavam na escolinha da qual é sócio e professor, no bairro Estreito, em Florianópolis, sinalizava que, na verdade, ele sempre soube o que queria. Após a última aula daquela manhã, o ex-jogador de 49 anos senta na minha frente para conversar. Seu início no futebol foi em jogos com os colegas do bairro. Um deles soube que havia testes para a seleção com os melhores jogadores das comunidades carentes, que enfrentaria grandes times cariocas, e Adilson foi, sem muita expectativa.

O destino do menino de Nova Iguaçu já estava traçado há tempo. Mais precisamente quando surgiu nos gramados cariocas um jogador de pernas tortas - Manoel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, considerado o melhor ponta-direita de todos os tempos pelos críticos de futebol.

No dia do teste, o responsável por garantir futuros jogadores para um projeto da Fundação Legião Brasileira de Assistência (FLBA) em Nova Iguaçu foi exatamente Mané Garrincha. E entre os escolhidos estava Adilson Heleno. Ele assumiu a camisa 10 da seleção da FLBA e, no primeiro jogo, contra o Bangu, marcou os três gols da vitória. A boa apresentação despertou o interesse de Castor de Andrade, patrono do Bangu, mas o “arjo de pernas tortas” de Nelson Rodrigues decidiu que o menino permaneceria na seleção para os jogos contra Fluminense, Flamengo, Vasco e Botafogo. Contra o Flamengo, no Maracanã, viveu a emoção de

Mesmo perdendo por 5 a 1, no vestiário Adilson recebeu a visita de Garrincha e de uma comitiva de técnicos da LBA e da base do Flamengo para saber se o garoto queria jogar no clube. Diante da proposta, a preocupação do menino do subúrbio era saber como pagar a condução para os treinos. Filho de uma dona de casa e de um funileiro, as condições eram limitadas. No primeiro mês teve a disposição um chofer que o buscava em casa e levava de volta. No segundo, começou a pegar ônibus e trem sozinho. Após meses acordando às 4h30, para estar no treino às 8h30, ele se mudou para a concentração.

Dos oito anos em que esteve no Flamengo, Adilson recorda as conversas e os treinos com Zico. Se estar perto já era privilégio, imagina substituir o ídolo rubro-negro, que ia para a Udinese, da Itália. Ele conta que não sofreu com a pressão da torcida porque esta sabia que qualquer um que colocasse aquela camisa 10 jamais faria o que Zico fez.

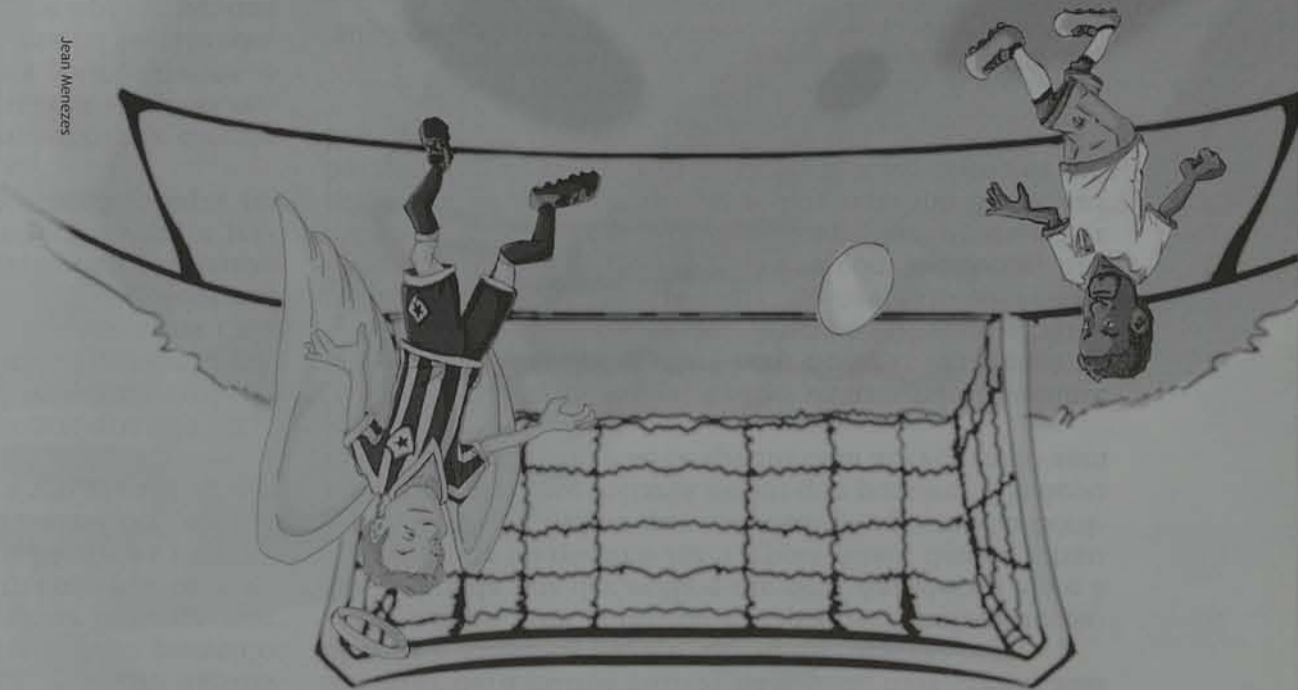
Depois do time do coração, Adilson passou por Fri-burguense (RJ), Operário (MS) e Fortaleza (CE), e em 1987 foi para o Avaí. Ele conta que, quando chegou, os comentários que ouviu a seu respeito não eram bons. - “Neguinho joga bem, mas é malandro. Tá pensando que tá passando em Copacabana”, por causa do meu estilo de jogo. Mas eu mostrei em campo que não era nada daquilo - defende-se o camisa 10, que se tornou um dos maiores ídolos do time do sul da ilha. Muitos pedem que ele volte a jogar só para bater falta, lance que fazia com precisão.

Pelo Avaí, teve três passagens. Em 1987/88, quando conquistou o Estadual de 1988; em 1992/93, conquistando o vice no Estadual de 1992; e em 1996, um ano antes de se aposentar. Mas, para a torcida avaiense, o curto período em que Adilson esteve no Fri-burguense, em 1991/92, emprestado pelo Grêmio, foi considerado tração num primeiro momento. “Fui perdoado pela não conquista de título”.

Outro motivo para a torcida avaiense não aceitar o Avaí como um legítimo avaiense ocorreu na final do Catarinense de 1997. O time enfrentou o Tubarão, onde o atleta jogava e se aposentou. “A torcida do Avaí foi ao delírio com o título e a do Tubarão dizia que eu tinha entregado o jogo. Eu fiz o que pode”.

Entre as muitas conquistas, Adilson recebeu o troféu Bola de Prata da revista Placar como o melhor meia-esquerda do campeonato de 1988, jogando pelo Criciúma e desbancando Zico. De lá para o Grêmio, em 1989, onde conquistou o pentacampeonato estadual e a Copa do Brasil. Sua carreira internacional limitou-se ao clube mexicano Atlas e ao equatoriano Barcelona Sporting Club.

Jean Menezes



“Saliva branca

por Mathews Pismel

“Você parou no mercado para comprar umas coisinhas pra eles”, me disse. Ela voltou com duas sacolas cheias de doces. “Agora você assume a direção, Mathews. A estrada vai ficar meio ruim”. Era a minha guia e meu passaporte. Os índios confiavam nela.

Quando as primeiras famílias chegaram à cidade, ela os acolheu e, durante mais de dez anos, brigou com os órgãos públicos para tirá-las das sarjetas. E conseguiu, junto à FUNAI, a criação de uma reserva de mais ou menos nove hectares.

“Nossa, finalmente artumaram essa estrada. Da última vez, bati todo o fundo do carro”, lembrou. Percebi que não precisava ter assumido a direção. Mas gostei, é mais interessante do que dirigir sobre o asfalto, entre prédios e prédios.

La, o verde passava devagar pelos dois lados. Área protegida, informava a placa do Governo Federal. Poucos metros depois, o primeiro sinal de vida humana: uma pequena casa de alvenaria. “Não acredito que eles ainda não pintaram a escola”, comentou. Estacionamos em frente à escola sem tinta e fomos atrás do cacique. O nome dele era Ronaldo e não parecia um cacique – era franzino, retraído, tímido. Minha guia falava e ele respondia com duas palavras, três palavras. “Cade minha filha-dar?”, ela perguntou.

A alihada era filha do Ronaldo, tinha 13 anos. “Oi, Priscila! Quanto tempo! Me desculpe, tenho viajado tanto...”, lamentou a madrinha, abraçando a menina.

Priscila estava grávida e isso foi um choque para minha guia. “Sabe, Mathews, o Ronaldo é um homem muito bom. É a pessoa ideal para ser o cacique. Mas, poxa, ele não consegue cuidar muito bem da família. Está ficando cheio de netos!”

Enquanto ela conversava com Ronaldo e Priscila, ou melhor, falava para eles, me aproximei de um índio mais velho e mais simpático. Seu nome era Bonifácio e seu cabelo lembrava o corte do Chitãozinho ou do Xororó. Ele era sogro do Ronaldo e já fora cacique também. “Vem, cara, vou te mostrar o que vocês, homens brancos, chamariam de igreja”. Passando por algumas casas de madeira, outras de tijolo, por cachorros e galinhas, cheguei até a única casa que lembrava nosso imaginário do indígena. As paredes da ‘igreja’ eram feitas de barro e o telhado, de palha. Havia duas portas, uma na frente e outra nos fundos. Nenhuma janela.

Bonifácio foi até os fundos do lugar e pegou alguns artefatos que são utilizados em rituais. Algo parecido com uma grande bengala era usado pelos homens, que o batiam no chão. E um instrumento com seis ou sete pequenos pedaços de madeira era usado pelas mulheres, que o chacoalhavam. “E este é o cachimbo”, ele me mostrou com especial satisfação. Era um grande e belo cachimbo. Fumam só tabaco, contou.

Quando minha guia entrou, questionou quando seria a próxima grande celebração. “Não sei. Quando tiver que ser. A gente não tem dia para rezar, que nem o homem branco”. Ela logo saiu e me deixou sozinho com o velho índio. Perguntei se podia participar de alguma festa, um dia. “Claro que sim!”, respondeu, andando em círculos. “Pode ficar até o amanhecer. Você é jornalista, né? Pode filmar, bota aquele negócio aqui no canto, ó, não tem problema”.

Sainos da ‘igreja’ e Bonifácio foi nos mostrar o resto da aldeia. Minha guia se surpreendeu com as casas novas e, principalmente, com a água. Há poucos meses, o riacho que passava por dentro da aldeia foi canalizado. “Vocês tomem cuidado pra ninguém se aproveitar das

terras de vocês. Será que essa água não está indo pra outro lugar fora da reserva? Nós lutamos muito para que esta terra fosse demarcada. Tem que cuidar!”

Bonifácio apenas dizia que sim, claro, nós sabemos, claro. Enquanto isso, ele nos conduzia até o índio mais velho da reserva. Encontramos seu Geraldo, de 80 anos, estirado no chão de terra batida, com metade das costas apoiada na parede da casa. Ao seu lado, sentada em uma esteira, estava sua mulher, olhando três netinhos que brincavam com cachorros.

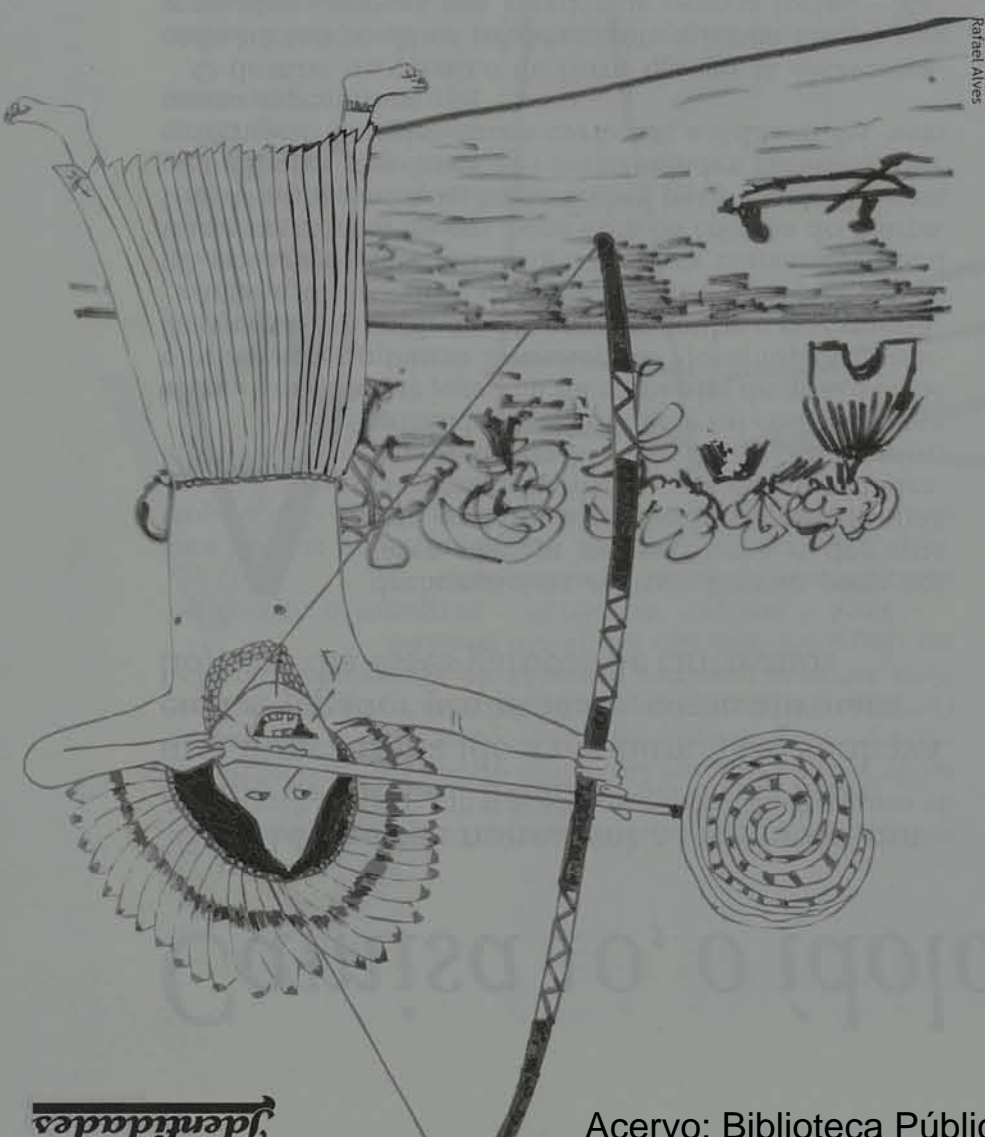
Minha guia conhecia seu Geraldo, mas ele não se lembrou dela no início. Depois de ela insistir, ele fez que se lembrou, mas eu não tive muita certeza disso. De qualquer forma, parecia muito abatido e não muito a fim de conversa. Ele sofria de diabetes e tomava doses diárias de insulina.

“Sabe, Mathews. No início, quando conhecemos essas famílias, não tínhamos noção de que a alimentação que a gente dava afetava a saúde deles. A gente dava um monte de doce e tudo”, confessou minha guia depois de nos despedirmos do seu Geraldo. Bonifácio até queria me levar para outros cantos da aldeia, mas preferi não abusar e voltamos para o centro da reserva.

La, minha guia comprou um pequeno balão de palha, trançada por dez reais e me deu. Agradei a ela e a Priscila, que foi quem o fez. Depois disso, demos tchau para os outros índios que estavam por perto. Ao Bonifácio, eu disse que voltaria assim que possível. Ele ficou realmente animado e se despediu com abraço meio sem jeito.

Apesar da estrada boa, acabei assumindo o volante de novo. Ao sair, passamos bem devagar em frente ao centrinho e, através do vidro, lancei os últimos olhares para a reserva. “E aí, Mathews, gostaste do passeio?”, me perguntou a guia. Fiz que sim com a cabeça. Enquanto tanto isso, quatro crianças se despediam abanando e gritando. Só silenciavam para dar mais mordidas nas balas que ganharam, e que enchiam suas bocas de saliva doce.

Ronaldo, Priscila, Bonifácio e Geraldo pertencem à etnia Mbyá-Guarani, que tinha como base alimentar sementes, legumes e tubérculos que cultivavam no meio da selva.



Rafael Alves



O cheiro do campus

por Isadora de Lira

te desce a garganta passa por um processo exaustiva- mente estudado no primeiro grau, mas que acaba sen- do descontinuado no caminho desbravado com a inven- ção da descarga hídrica. E isso sufoca o córrego. Esse sufocamento ocorre por causa do transbordamento da fossa. No caso deles, é o passado. No caso do córrego, é a séptica. Problema gerado por construções mal-feitas. Nenhuma novidade para o segundo pior estado do Bra- sil em saneamento básico.

Tanto eles quanto o córrego passaram por um centro de ensino, cercado por cinco bairros que se despejavam naquele resto de água - que mal respirava, já que seu nível de oxigênio dissolvido variava de 3,84 mg/l a 7,7 mg/l, enquanto a variação ideal fica entre 5 e 6 mg/l - e isso tem uma consequência. O que percorre o córrego não consegue respirar por causa dos dejetos indeseja- dos, que precisam ser decompostos por bactérias aeró- bicas, que, por sua vez, consomem o oxigênio.

Eu me sinto sufocado - gritaram os largos olhos ver- des, que já buscavam outras vias. E caíam no mesmo ciclo. A Conceição que se vê hoje nem sempre foi assim, e as outras lagoinhas não háo de durar muito mais. Nem só de asfíxia orgânica falece o córrego. Não se deve esquecer do que sai dos laboratórios desta univer- sidade. Ai os olhos riem de novo. O resto químico que é levado por uma empresa e é tratado, mas sempre tem aquele rastro, alguém que ser desvendado. E caí ali, naquele fluxo de lixo comum, que deságua longe dos nossos olhos - e daqueles ácidos. O que não quer dizer que não volte.

O cheiro não vem do ralo, nem do córrego.

Vem de você.

Mas não deixava de descer pelo ralo. Aquele rapaz vivia nesse laboratório, e como se di- vertia com catástrofes. Tanto as que seu meio causava, como em denunciá-las. Ou forjá-las. E a moça citava sempre um filme que não a marcara, algo que envolvia nascer do Sol, ou coisa do gênero, sabia que a persona- gem era Celine e dizia: "Deus é o que está entre nós". E esse córrego cimentado que nos corta, mas não se infiltra. Então o que quer que por ele corra, continuara nesse curso fixo, sem atingir o solo.

O rapaz tinha grandes olhos verdes, que mais pare- ciam dois lagos ácidos, de pH 5.9 a 6.81 e o outro, de 6.15 e 6.45. O que eles revelavam era claro: algo esta- va errado, e certamente era irreversível. Algum tipo de envenenamento. Curioso, muito provavelmente alguns *ecochatos* discordariam de forma veemente, mas nem todo veneno é químico. O danoso era majoritariamente orgânico. E descia dos canos dos inocentes ignorantes e dos cúmplices silenciosos. Tipo eu. E agora, você. Tão nocivo quanto os burburinhos maliciosos, o que

à na mesa central o descuido era delata- do. A ordem dos frascos ultrapassava a lógica padrão. Poucos eram alfabeticados para aquele universo de 60m². Prateleiras capengas e freezers enferrujados guarda- vam diversas substâncias tóxicas. Aquela água esverdeada gerava explicações difu- sas: "ah, ela é reciclada", "na verdade, ela é tratada".

A posição privilegiada oferece aos moradores uma paisagem encantadora: ela está presente para os olhos vindos da Beira Mar Norte, oriundos da Beira Mar Sul, atrasados em torno do Centro, ou saudosistas em Coqueiros. Pessoas apressadas sempre foram o público principal no palco de madeira. Costumava ser acompanhada por crianças deslumbradas com a altura e com vertigem dos tacos entrelaçados que deixavam ver o mar que quebrava ao fundo. Ou mesmo por turistas avidos por sol e praias.

Nos anos 1970, a então senhora de 49 anos viu sua hegemonia ser quebrada pelo início da construção da segunda ponte, a Colombo Salles. Alguns anos depois, em 1991, foi a vez da chegada da ponte Pedro Ivo Cam- pos, na mesma época que a então sexagenária Hercílio Luz foi oficialmente aposentada por invalidez. Não que ela tenha sentido qualquer angústia de competição, pelo contrário, isso retirou algumas possíveis novas ru- gas que o fluxo diário de 170 mil carros lhe teriam causado.

Nascida em 13 de maio de 1926, com cinco mil to- neladas e 819,471 metros de comprimento, a ilustre personalidade viu a população de Florianópolis passar de 40 mil para 400 mil habitantes. O sotaque orgulho- so de manezinha, além de exercitado, é cultivado por ela. Só que o estilo Ponte Hercílio Luz de ser não é para qualquer um. Necessita de força, persistência, pacien- cia, e um pouco de tolerância. E essa coleção de atribu- tos que explica a capacidade de esperar pelas inúmeras promessas feitas quanto a sua revitalização, além de ser obrigada a atuar como cabo eleitoral para candida- tos a prefeitos e governadores.

Nem só de glamour viveu a protagonista da ilha. Ain- da no início da vida, antes de se tornar uma senhora maior incentivador, o engenheiro civil e vice-governador em exercício na época Hercílio Pedro da Luz. Os pro- blemas financeiros também trouxeram alguns cabelos brancos para a ainda jovem Ponte - gastos milionários para se consolidar na sociedade como símbolo da capi- tal catarinense.

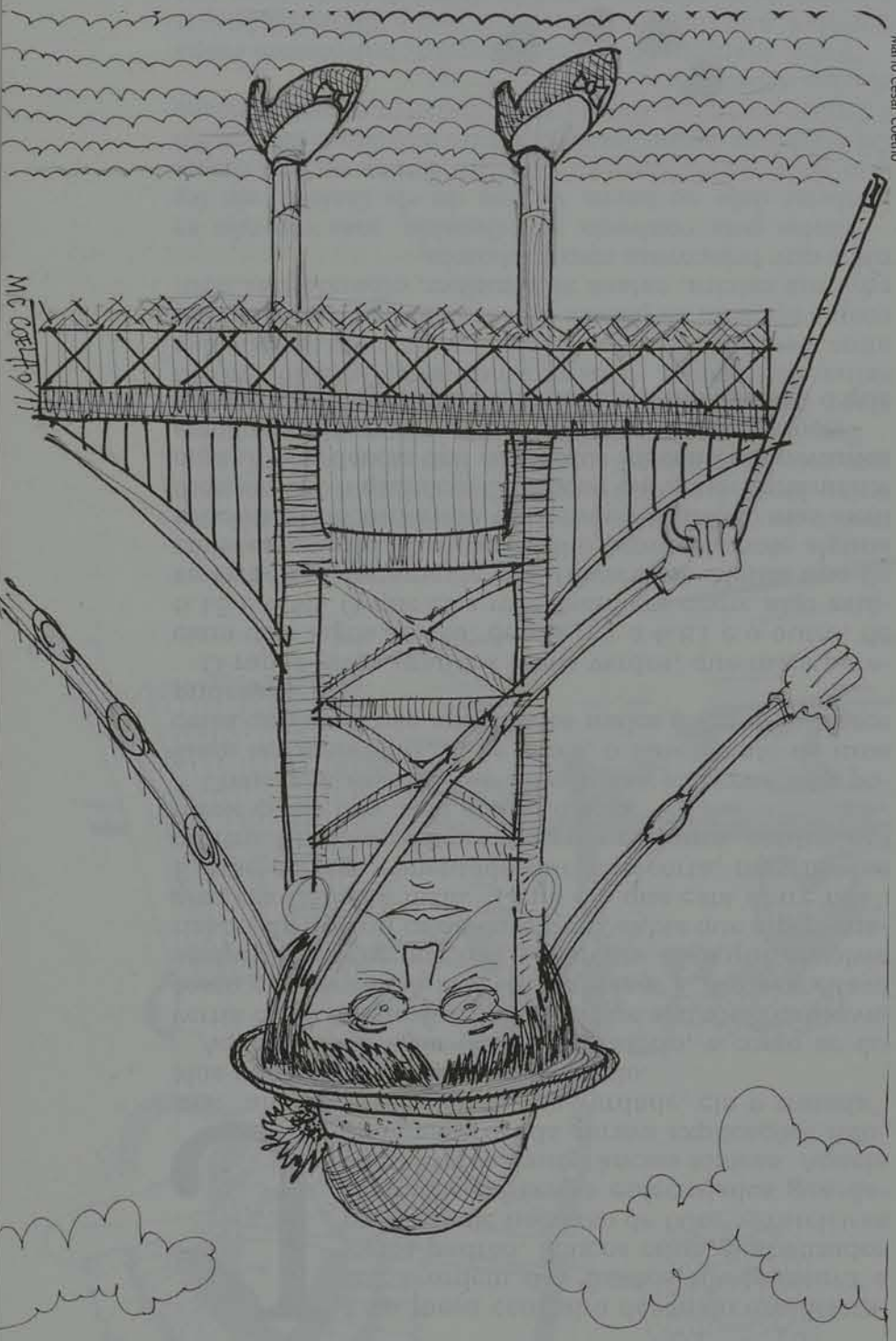
A entrada da Ilha de Santa Catarina é o ambiente fa- miliar dessa velha senhora, a Ponte Hercílio Luz. Com os sons da água batendo entre suas pernas e os ruídos de uma capital em expansão, lá está a harmoniosa Pon- te, que tem no currículo a condição de primeira ligação entre a ilha e o continente. Apesar de não se considerar a diva dos símbolos mundiais, parece ter consciência do papel que desempenha ao lado de grandes nomes como a Torre Eiffel e a Estátua da Liberdade: o de re- presentar sua cidade natal perante o resto do mundo.

mbros fartos e pernas longas. Não há como ignorar a presença da robusta senhora de 85 anos. Com curvas acen- tuadas e um brilho próprio, são qua- se imperceptíveis as marcas do tempo sobre suas costas. Enquanto quem a observa de longe não percebe suas fa- lhas, quem a conhece de perto sabe das ranhuras que os anos lhe causaram.

O desconforto da velha senhora é percebido diária- mente por seu sorriso arqueado. Apesar da saúde de ferro, já sabe de suas limitações. Parece desconfiar se ainda voltará a atuar para seus conterâneos, apesar de toda a especulação sobre seu futuro. Ainda assim, quando perde a luz natural, mais no início da noite, continua majestosa a brilhar, única, sobre a cidade.

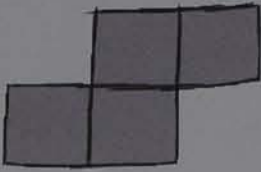
Pessoas próximas à Ponte revelaram que as últimas notícias sobre a tão comentada nova travessia vem ti- rando o sono da senhora. A insônia só tende a piorar. Após o lançamento do projeto para a quarta ponte, as obras de restauração estão cada vez mais próximas do ostracismo. Os otimistas e candidatos nas próxi- mas eleições acreditam que a Ponte terá um final feliz em breve; os pessimistas defendem que a história está mais para um longa-metragem sem previsão de um fe- lizes para sempre.

Incomodo mesmo é o que parece sentir quando ouve rumores que esta condenada e que os anos não estão favorecendo sua beleza. O cíume salta ao rosto quan- do o assunto é a possível nova ponte. Ela ainda pare- ce desafiar o tempo, essencial para a cidade enquanto identidade cultural, mas não mais como dama única na função.



por Manuela Lenzi

A história de um sorriso



REDAÇÃO Ediane Mattos, Isadora de Lira, Manuela Lenzi, Mariana Rosa, Matheus Pismel
EDIÇÃO Ana Carolina Paci, Lucas Pasqual, Marina Empinotti, Rodrigo Chagas
DIAGRAMAÇÃO Amanda Melo, Rafaela Coury
REVISÃO Lucas Pasqual, Rafaela Coury
ARTE Jean Menezes, Marcelo Yuri, Mario Cesar Coelho, Nathan Schaffer, Rafael Alves, Stephanye Pereira, Sulamita Cruz
ORIENTAÇÃO Professor Mauro Cesar Silveira
IMPRESSÃO Azul Editora e Indústria Gráfica Ltda
CIRCULAÇÃO Nacional **TIRAGEM** 5.000 exemplares
CAPA Rafael Fernandes, artista visual graduado pela UFMG. Portfólio: fernandesrafael.daportfolio.com

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo
ZERO Revista
Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC
Produzida na disciplina Redação V
Ano I - Nº 2 - Abril de 2012

ZERO *Revista*

A **ZERO Revista** tem a nossa cara, nosso estilo. Mas, da equipe que a produz, fica a torcida - e a certeza - para que ela agrade cada um dos leitores.

de Santa Catarina. uma vista a uma reserva indígena um relato nada imparcial sobre Avai, Adilson Heleno; e conferimos sra. Ponte Hercílio Luz e o ídolo do cultura da Ilha da Magia, como a gens importantes na construção da campus; apresentamos persona- e nos inquietar com o cheiro do influência da astrologia no amor meio. Pudemos discorrer sobre a oes, ser subjetivos e analisar nosso rençiais da **ZERO Revista**: temos E é justamente esse um dos dife-

experiências. histórias e queremos dividir nossas passado com nostalgia, contamos antigas, meio *geeks*. Falamos do para refletir esse estilo. Somos das los, cartolas e olhos, tudo trabalha as ilustrações, a escolha dos títu- O projeto gráfico, a diagramação, - representa nossa alma clássica. ta e combinação caфона de roupas sorriso meio bobo, gravata borbole- típicos, ruivo, gordinho, com um **Revista** retró. Um nerd - daqueles Deste lado, você confere a **ZERO**

journal-laboratório **ZERO**. a **ZERO Revista** é um encarte do do professor Mauro Cesar Silveira, semestre de 2011 sob orientação Redação V. Produzida no segundo trabalhos dos alunos da disciplina Você tem em mãos o resultado dos

Super bacana essa tal de ZERO Revista

SUMÁRIO

- 3 A história de um sorriso
Manuela Lenzi
- 4 O cheiro do campus
Isadora de Lira
- 5 Saliva branca
Matheus Pismel
- 6 Camisa 10, o ídolo do Avai
Ediane Mattos
- 7 Astrológica
Mariana Rosa



ZERO Revista